

45.

UM-OLHO, DOIS-OLHOS E TRÊS-OLHOS

Era uma vez uma mulher que tinha três filhas, a mais velha das quais era chamada Um-Olho, porque só tinha um olho no meio da testa, a segunda era chamada Dois-Olhos, porque tinha dois olhos, como todo mundo, e a terceira era chamada Três-Olhos, porque, além dos dois olhos que todo o mundo tem, tinha um terceiro, no meio da testa.

No entanto, como Dois-Olhos era igual aos outros seres humanos, era odiada pelas irmãs e pela mãe.

— Com teus dois olhos, não és melhor do que as pessoas comuns — diziam-lhe. — Não és igual a nós!

E maltratavam-na sem dó nem piedade, deixavam-na vestir farrapos e só lhe davam para comer o pouco que sobrava. Em suma: não poupavam esforços para torná-la infeliz.

E aconteceu que certo dia, Dois-Olhos foi ao campo levar a cabra para pastar, e estava faminta, porque as irmãs só lhe haviam dado umas poucas migalhas para comer. Sentou-se então em uma encosta e começou a chorar. E suas lágrimas eram tantas, que dois regatos correram de seus olhos.

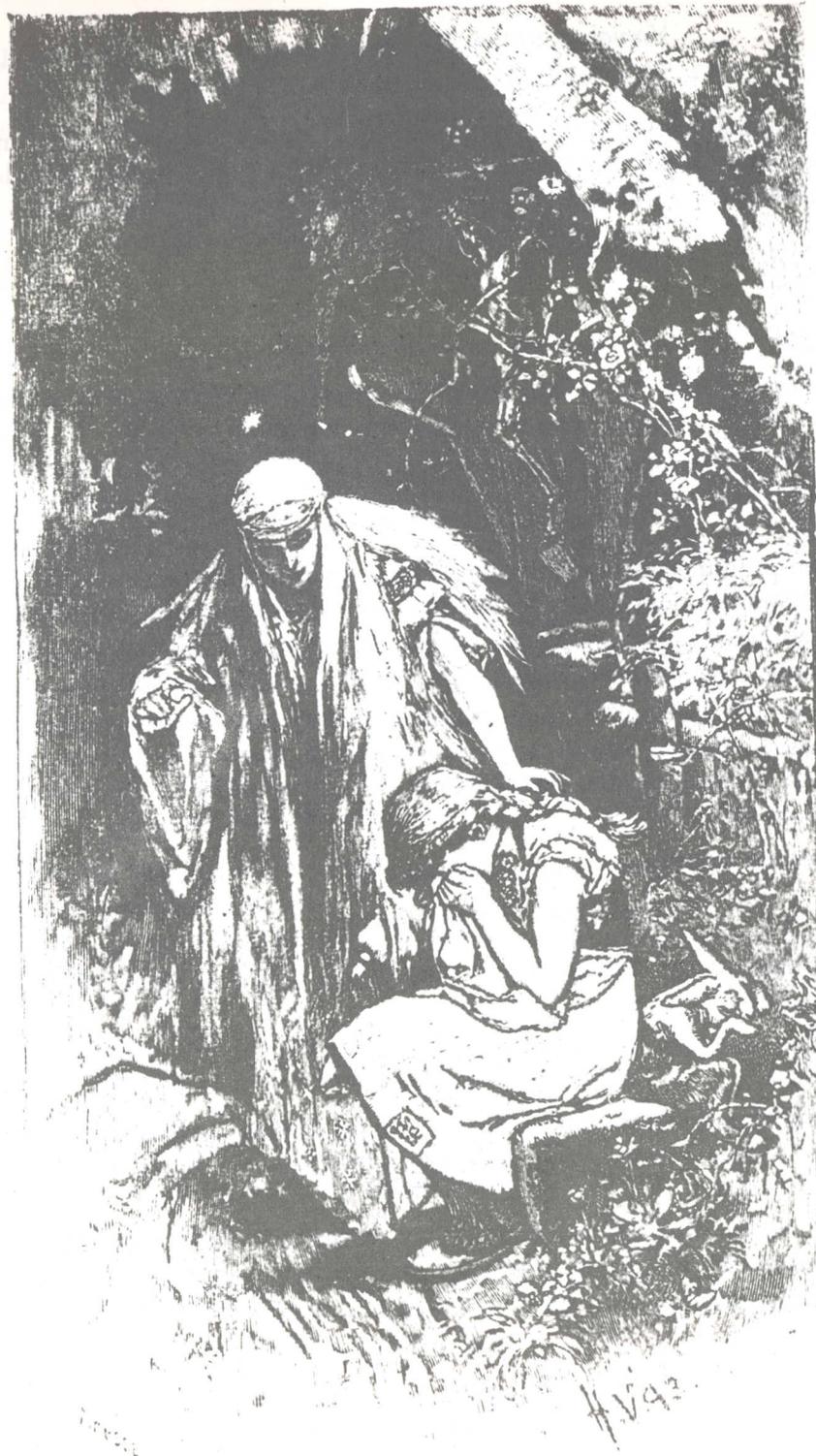
De repente, ela viu a seu lado uma mulher, que lhe perguntou:

— Por que estás chorando, Dois-Olhos?

— Não hei de chorar, se tenho dois olhos e minhas irmãs me perseguem por isso de todos os modos e só me dão para comer o resto do que comem? — redarguiu a infeliz. — Hoje me deram tão pouco que estou com o estômago inteiramente vazio.

Então a fada (pois era uma fada) disse-lhe:

— Enxuga as tuas lágrimas, Dois-Olhos, e vou te ensinar como podes nunca mais passar fome. Basta dizer à tua cabra:



*Vamos cabrinha, sê camarada:
Serve uma mesa bem variada.*

E imediatamente aparecerá diante de ti uma mesinha, com as mais deliciosas iguarias que podes imaginar. E, depois que tenhas comido à vontade, basta dizeres:

*Podes agora, cabra querida,
Tirar a mesa. Estou servida.*

Tudo, então, desaparecerá.

E, sem dizer mais nada, a boa fada desapareceu, e Dois-Olhos pensou: “Vou ver se é verdade mesmo, pois estou morrendo de fome”. E falou:

*Vamos cabrinha, sê camarada:
Serve uma mesa bem variada.*

Mal pronunciara estas palavras, surgiu uma mesinha, coberta por uma toalha branca, bem na sua frente. Na mesa estava um prato, com garfo e faca ao lado, assim como uma colher de prata, e as iguarias mais finas, cheirosas e quentes, como se tivessem acabado de sair da cozinha.

Dois-Olhos rezou uma curta prece: “Senhor Deus, sê para sempre nosso Conviva, Amén”. Depois, saboreou a comida, que era realmente muito gostosa. Quando se deu por satisfeita, repetiu as palavras que a boa fada lhe ensinara:

*Podes agora, cabra querida,
Tirar a mesa. Estou servida.*

Imediatamente desapareceu a mesinha, e, com ela, tudo que nela se encontrava.

“Que ótimo meio de arrumar casa!” pensou Dois-Olhos, muito satisfeita da vida.

Ao anoitecer, quando voltou para casa com a cabra, encontrou um prato de barro, onde as irmãs tinham deixado para ela as sobras da comida, mas nem as tocou.

No dia seguinte, ela saiu com a cabra deixando intactos uns pedaços de pão velho que lhe tinham deixado. E também intacto ficou o repulsivo jantar que lhe fora reservado.

Na primeira e na segunda vez que isso aconteceu, as malvadas irmãs não notaram, mas, como o fato se repetia diariamente, elas acabaram reparando e comentando:

— Está acontecendo alguma coisa com Dois-Olhos. Ela nem toca na comida que lhe deixamos. Deve ter descoberto outro meio de se alimentar.

A fim de descobrirem a verdade, ficou resolvido que Um-Olho acompanhasse Dois-Olhos quando ela levasse a cabra para pastar e a observasse o tempo todo, para ver de que maneira ela estava se alimentando.

Assim, no dia seguinte, Um-Olho disse a Dois-Olhos:

— Vou contigo ao pasto, a fim de ver se a cabra está se alimentando direito.

Dois-Olhos, porém, percebeu muito bem qual era a intenção de sua perversa irmã e levou a cabra para uma pastagem onde o capim estava muito alto. Depois disse:

— Vamos nos sentar para descansarmos um pouco, Um-Olho, e eu cantarei um pouco para ti.

Um-Olho sentou-se, muito cansada, pois não tinha costume de andar, e também sentindo muito calor, pois o dia estava de fato muito quente. Dois-Olhos pôs-se então a cantar repetidamente:

Ao sono já te entregaste?

Um-Olho, já despertaste?

Um-Olho não resistiu ao calor, ao cansaço e à monotonia do canto. Adormeceu profundamente.

Vendo que não havia perigo de que a irmã descobrisse o seu segredo, Dois-Olhos então se dirigiu à cabra:

Vamos cabrinha, sê camarada:

Serve uma mesa bem variada.

E comeu e bebeu quanto quis, depois falou de novo:

Podes agora, cabra querida,

Tirar a mesa. Estou servida.

No mesmo instante, a mesa e a comida desapareceram. Dois-Olhos então acordou Um-Olho e disse-lhe:

Vamos cabrinha, sê camarada:

Serve uma mesa bem variada.

E imediatamente aparecerá diante de ti uma mesinha, com as mais deliciosas iguarias que podes imaginar. E, depois que tenhas comido à vontade, basta dizeres:

Podes agora, cabra querida,

Tirar a mesa. Estou servida.

Tudo, então, desaparecerá.

E, sem dizer mais nada, a boa fada desapareceu, e Dois-Olhos pensou: "Vou ver se é verdade mesmo, pois estou morrendo de fome". E falou:

Vamos cabrinha, sê camarada:

Serve uma mesa bem variada.

Mal pronunciara estas palavras, surgiu uma mesinha, coberta por uma toalha branca, bem na sua frente. Na mesa estava um prato, com garfo e faca ao lado, assim como uma colher de prata, e as iguarias mais finas, cheirosas e quentes, como se tivessem acabado de sair da cozinha.

Dois-Olhos rezou uma curta prece: "Senhor Deus, sê para sempre nosso Conviva, Amén". Depois, saboreou a comida, que era realmente muito gostosa. Quando se deu por satisfeita, repetiu as palavras que a boa fada lhe ensinara:

Podes agora, cabra querida,

Tirar a mesa. Estou servida.

Imediatamente desapareceu a mesinha, e, com ela, tudo que nela se encontrava.

"Que ótimo meio de arrumar casa!" pensou Dois-Olhos, muito satisfeita da vida.

Ao anoitecer, quando voltou para casa com a cabra, encontrou um prato de barro, onde as irmãs tinham deixado para ela as sobras da comida, mas nem as tocou.

No dia seguinte, ela saiu com a cabra deixando intactos uns pedaços de pão velho que lhe tinham deixado. E também intacto ficou o repulsivo jantar que lhe fora reservado.

Na primeira e na segunda vez que isso aconteceu, as malvadas irmãs não notaram, mas, como o fato se repetia diariamente, elas acabaram reparando e comentando:

— Está acontecendo alguma coisa com Dois-Olhos. Ela nem toca na comida que lhe deixamos. Deve ter descoberto outro meio de se alimentar.

A fim de descobrirem a verdade, ficou resolvido que Um-Olho acompanhasse Dois-Olhos quando ela levasse a cabra para pastar e a observasse o tempo todo, para ver de que maneira ela estava se alimentando.

Assim, no dia seguinte, Um-Olho disse a Dois-Olhos:

— Vou contigo ao pasto, a fim de ver se a cabra está se alimentando direito.

Dois-Olhos, porém, percebeu muito bem qual era a intenção de sua perversa irmã e levou a cabra para uma pastagem onde o capim estava muito alto. Depois disse:

— Vamos nos sentar para descansarmos um pouco, Um-Olho, e eu cantarei um pouco para ti.

Um-Olho sentou-se, muito cansada, pois não tinha costume de andar, e também sentindo muito calor, pois o dia estava de fato muito quente. Dois-Olhos pôs-se então a cantar repetidamente:

Ao sono já te entregaste?

Um-Olho, já despertaste?

Um-Olho não resistiu ao calor, ao cansaço e à monotonia do canto. Adormeceu profundamente.

Vendo que não havia perigo de que a irmã descobrisse o seu segredo, Dois-Olhos então se dirigiu à cabra:

Vamos cabrinha, sê camarada:

Serve uma mesa bem variada.

E comeu e bebeu quanto quis, depois falou de novo:

Podes agora, cabra querida,

Tirar a mesa. Estou servida.

No mesmo instante, a mesa e a comida desapareceram. Dois-Olhos então acordou Um-Olho e disse-lhe:



— Queres tomar conta da cabra e dormir ao mesmo tempo, mas, assim, a cabra acaba sumindo. Vamos voltar para casa, que já está na hora.

As duas voltaram para casa e, mais uma vez, Dois-Olhos deixou intacto o pouco apetitoso jantar. Um-Olho não soube explicar à mãe porque a irmã ficara sem comer, e desculpou-se:

— Fiquei com tanto calor e tão cansada que dormi.

No dia seguinte, a mãe recomendou a Três-Olhos:

— Desta vez tu é que irás acompanhar Dois-Olhos e observá-la com a maior atenção, para ver se ela come alguma coisa quando está fora, pois em casa ela nem prova os alimentos. Deve, portanto, estar matando a fome e a sede em segredo. Vê se há alguém ajudando.

Três-Olhos disse então à irmã:

— Vou contigo ao pasto, a fim de ver se a cabra está se alimentando direito.

Dois-Olhos, porém, sabia qual era a intenção de Três-Olhos e levou a cabra para uma pastagem onde o capim era muito alto. Depois disse:

— Vamos nos sentar para descansarmos um pouco, Três-Olhos, e eu cantarei para ti.

Três-Olhos sentou-se, muito cansada, pois não tinha costume de andar e também sentindo muito calor, pois o dia estava de fato muito quente. Dois-Olhos pôs-se então a cantar, repetidamente:

Ao sono já te entregaste?

Três-Olhos, já despertaste?

Na verdade, porém, em vez de cantar: “Três-Olhos”, como pensava que estava, ela cantava, distraída:

Ao sono já te entregaste?

Dois-Olhos, já despertaste?

Assim, dois dos três olhos de Três-Olhos adormeceram, mas o outro ficou acordado. Três-Olhos o fechou, mas por artimanha, para fingir que também ele adormecera: ele piscava e podia ver tudo que se passava muito bem. E então, Dois-Olhos, pensando que Três-Olhos estava dormindo, lançou mão do encantamento que a boa fada lhe havia ensinado:

Vamos cabrinha, sê camarada:

Serve uma mesa bem variada.

E comeu e bebeu quanto quis, depois ordenou que a mesinha desaparecesse:

Podes agora, cabra querida,

Tirar a mesa. Estou servida.

E cantou de novo:

Ao sono já te entregaste?

Três-Olhos, já despertaste?

E, quando as duas irmãs voltaram para casa, Dois-Olhos mais uma vez não quis comer, e Três-Olhos disse à sua mãe:

— Agora já sei porque aquela idiotinha convencida não quer comer.

E descreveu minuciosamente tudo que observara com o olho da testa:

— Eu pude ver tudo, perfeitamente — concluiu. — Ela adormeceu dois de meus olhos, mas o terceiro ficou aberto.

Furiosa, a mãe investiu contra Dois-Olhos, gritando:

— Queres passar melhor do que nós passamos?

E agarrando uma faca de açougueiro, cravou no coração da cabra.

Dois-Olhos saiu de casa, muito triste, sentou-se na encosta junto da pastagem e começou a chorar. De repente, a fada apareceu ao seu lado e perguntou:

— Por que estás chorando?

— E não tenho razão de chorar? — redarguiu Dois-Olhos. — A cabra que servia a mesa para mim, quando eu repetia o encantamento que me ensinaste, foi morta por minha mãe, e vou ter de passar fome de novo.

— Vou te dar um bom conselho, Dois-Olhos — disse a boa fada. — Pede a tuas irmãs que te dêem as entranhas da cabra e enterra-as no terreno em frente de tua casa. O teu futuro ficará assegurado.

Ditas estas palavras, a fada desapareceu. Voltando para casa, Dois-Olhos pediu às irmãs:

— Queridas irmãs, dai-me uma parte da minha cabra. Não peço as partes boas, mas as entranhas.

As irmãs riram, zombando dela, e disseram:

— Com as entranhas podes ficar. É o que mereces.

Dois-Olhos seguiu, então, o conselho da fada e enterrou as entranhas no terreno em frente de sua casa.

Na manhã seguinte, quando acordaram e abriram a porta da casa, as moradoras ficaram surpresas, vendo que, durante a noite, crescera em frente uma frondosa árvore, cujos ramos tinham folhas de prata e dos quais pendiam frutos de ouro, uma coisa tal que não podia haver no mundo outra mais bela. As três malvadas não compreendiam como aquela árvore podia ter nascido ali da noite para o dia, mas Dois-Olhos viu que sua semente foram as entranhas da cabra, pois a árvore nascera exatamente no lugar onde ela as havia enterrado.

A mãe disse então a Um-Olho:

— Minha filha, sobe na árvore e apanha algumas daquelas frutas para nós.

Um-Olho trepou na árvore, mas quando estendeu o braço para apanhar uma das frutas de ouro, o galho se afastou de sua mão, e o fato se repetiu, todas as vezes que ela tentava colher uma fruta.



Vendo que a filha não conseguiria mesmo ser bem sucedida, a mãe dirigiu-se a Três-Olhos:

— Trepas tu na árvore, minha filha. Com os teus três olhos, podes ver melhor do que Um-Olho.

Três-Olhos, porém, não teve mais sorte do que a irmã, e a mãe, já impaciente, trepou na árvore ela própria, mas nada conseguiu também.

Dois-Olhos disse, então:

— Deixai-me ir agora. Talvez eu consiga.

— Achas mesmo que conseguirás isso com teus dois olhos? — protestaram as irmãs, indignadas.

Dois-Olhos, porém, trepou na árvore e colheu muitas frutas com a maior facilidade. A mãe arrebatou-as todas de suas mãos, e, em vez de tratá-la melhor após o seu sucesso, ela e as duas outras filhas, morrendo de inveja, mostraram-se ainda mais cruéis e mais grosseiras para com ela.

E aconteceu que, quando todas estavam paradas, de pé junto da árvore, apareceu um jovem cavaleiro.

— Depressa! — gritaram as irmãs malvadas. — Esconde aqui debaixo e não nos desgraces, Dois-Olhos!

E, bem depressa, esconderam a irmã debaixo de um barril vazio que fora deixado junto da árvore, e também lá ocultaram as frutas de ouro que haviam sido colhidas.

O cavaleiro aproximou-se. Era um guapo mancebo, que olhou admirado para a árvore de ouro e de prata e perguntou às duas irmãs perversas a quem pertencia aquela maravilhosa árvore, acrescentando:

— Qualquer pessoa que me der um ramo dela pode pedir o que quiser e o seu desejo será satisfeito.

— A árvore é nossa — disseram as malvadas.

E se viram muito embaraçadas, pois, por mais que se esforçassem, não conseguiam apanhar um ramo da árvore.

— É muito estranho que a árvore vos pertença, e, no entanto, sejais incapazes de cortar um simples galho dela.

As duas insistiam em afirmar que a árvore era delas, mas Dois-Olhos, ouvindo a discussão, e vendo que as irmãs estavam mentindo, levantou um pouco o barril e jogou duas frutas de ouro, que rolaram até os pés do jovem cavaleiro.



Vendo-as, ele ficou surpreso e perguntou de onde tinham vindo as frutas. As duas malvadas tiveram de contar que tinham uma irmã, que não tinha licença para se mostrar, pois só possuía dois olhos, como as pessoas comuns.

O cavaleiro, porém, fez questão de vê-la, e gritou:

— Aparece, Dois-Olhos!

Reanimada, Dois-Olhos saiu debaixo do barril e o cavaleiro ficou surpreso com a sua grande beleza, e disse-lhe:

— Certamente, Dois-Olhos, serás capaz de apanhar um ramo desta árvore para mim.

— Sem dúvida — replicou a jovem — pois esta árvore me pertence.

E trepando na árvore com grande agilidade, apanhou um ramo e entregou-o ao jovem cavaleiro.

— O que desejas em troca disso, Dois-Olhos? — ele perguntou.

— Sofro de fome e sede, penúria e maus tratos, desde que amanhece até que me deito — respondeu a moça. — Se me socorresses, levando-me contigo, sentir-me-ia muito feliz.

O cavaleiro fê-la acomodar-se no seu cavalo, e levou-a consigo para o castelo de seu pai, onde lhe ofereceu lindos vestidos, e ela pôde comer e beber à vontade, e como ele se apaixonara por ela e ela por ele, o seu casamento foi celebrado pouco tempo depois, com muita alegria e muito luxo.

Enquanto Dois-Olhos era levada pelo belo cavaleiro, suas perversas irmãs rilhavam os dentes de ódio, despeitadas e invejosas.

— Mas pelo menos a árvore maravilhosa ficou para nós — disseram. — Mesmo que não possamos colher as frutas, certamente ela acabará nos beneficiando.

A esperança, porém, durou pouco. Quando acordaram, no dia seguinte, a árvore havia desaparecido. E quando Dois-Olhos se levantou e olhou pela janela, teve a agradável surpresa de ver a árvore diante de seus olhos.

Ela e o marido viveram muitos e muitos anos, sempre felizes. Certo dia, apareceram no castelo duas velhas, pedindo esmolas. Ao vê-las, Dois-Olhos reconheceu as irmãs, que haviam caído em tal miséria, que tinham de viver andando de casa em casa, pedindo esmolas, mesmo velhas e semi-inválidas como estavam.

Apesar de tudo o que sofrera, Dois-Olhos as acolheu com bondade e delas cuidou, e as duas se arrependeram do mal que lhe haviam feito na mocidade.

46.

COMADRE LOBA E O RAPOSO

A Loba deu à luz um filhote e convidou o Raposo para padrinho.

— Afinal de contas — ela explicou — ele é nosso parente, e é muito instruído e talentoso. Ele pode instruir meu filhinho e ajudá-lo a vencer na vida.

Também o raposo se mostrou satisfeito.

— Comadre Loba — disse ele — agradeço muito a honra que me concedeu e vou agir de tal maneira que a senhora vai ser devidamente retribuída.

Divertiu-se à farta na festa de batizado, e disse ao despedir-se:

— Minha cara Comadre, temos o dever de cuidar do filhote, proporcionando-lhe boa alimentação, a fim de que fique bem forte. Conheço um aprisco, no qual podemos arranjar um bom bocado.

A Loba gostou da idéia, e saiu com o compadre para a fazenda onde ficava o tal curral. O Raposo apontou-o de longe e disse-lhe:

— A senhora pode entrar lá bem disfarçadamente, sem ser vista, e, enquanto isso, vou examinar do outro lado, para ver se consigo pegar uma galinha.

Não foi o que fez, entretanto, mas se sentou na entrada da floresta, estendeu as pernas e ficou descansando. A Loba entrou de mansinho no curral. Um cão que lá estava latiu tanto, que o pessoal da fazenda acorreu para ver o que havia, e atacou a loba com uma mistura fervendo, que estava sendo preparada para lavagem da roupa.

Afinal Comadre Loba conseguiu escapar e fugir se arrastando. E encontrou Seu Raposo, que, gemendo muito, lhe disse: